

## 5. Ser pobres

"Se alguém quiser vir comigo, renuncie-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me. Porque aquele que quiser salvar a sua vida, irá perdê-la; mas aquele que tiver sacrificado a sua vida por minha causa, irá recobrá-la. Que servirá a um homem ganhar o mundo inteiro, se vem a prejudicar a sua vida? Ou que dará um homem em troca de sua vida?" (Mt 16,24-26).

Temos sempre a tendência, nascida com o pecado original, de colocar nossa segurança no que possuímos, no que acumulamos, na quantidade de bens, forças, números que temos em nossas mãos. Uma quantidade que nunca nos satisfaz, que nunca será suficiente. Por quê? Porque nosso coração não foi criado para se satisfazer e se sentir seguro com isso. Nosso coração é feito para se sentir seguro e satisfeito com Alguém, com o Pai. Não com aquilo que possuímos, mas com o Pai que nos dá tudo, que quer nos dar tudo.

Quando o filho pródigo pede ao seu pai a sua parte na herança, ele se acha satisfeito com essa *quantidade* de riqueza que guarda em sua bolsa. Ele se sente seguro e satisfeito com esse dinheiro. Ele vive daquilo, daquela quantidade de bens que ele não só buscou, mas que ele obteve, que ele não precisa mais buscar. E tudo se esgota, a quantidade de bens, desprendendo-se de sua fonte, o pai, se esgota. Então, o filho volta para casa porque se lembra que o pai é a fonte dos bens de que ele precisa para viver, e que ele não o é apenas para seus dois filhos, mas também para todos os trabalhadores e servos que vivem e trabalham em sua casa: "Quantos empregados há na casa de meu pai que têm pão em abundância... e eu, aqui, estou a morrer de fome! Vou me levantar e irei a meu pai, e lhe direi: Meu pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. Trata-me como a um dos teus empregados" (Lc 15, 17-19).

Pode-se possuir o mundo inteiro, como Satanás também o oferece a Jesus, tentando-o no deserto – "O demônio transportou-o uma vez mais, a um monte muito alto, e lhe mostrou todos os reinos do mundo e a sua glória, e disse-lhe: 'Eu te darei tudo isto se, prostrando-te diante de mim, me adorares'" (Mt 4, 8-9) – mas se perdermos a relação com o Pai, fonte da vida, perdemos tudo. Se alguém perde sua vida, sua alma, não é mais ele mesmo, não é mais o sujeito da sua existência, e toda a quantidade de bens que acredita possuir, perde-a, porque não está mais lá, não é mais alguém, não é mais um "eu" que possui, que desfruta, que pode ser feliz e satisfeito.

Há alguns meses, visitei uma querida monja idosa de Talavera de la Reina, Irmã Teresa. Enfraquecida na mente e no corpo, há muito tempo que ela quase não falava, mas quando entrei em seu quarto na enfermaria, ela estava toda feliz em me receber. Nosso diálogo foi muito limitado. Ela entendia bem o que eu lhe dizia, mas era sempre como se as respostas tivessem que surgir com dificuldade das profundezas de sua consciência, e muitas vezes ela não conseguia se expressar.

Em determinado momento me peguei perguntando o que ela considerava fosse a coisa mais importante, o que ela achava que deveríamos focar para viver e reanimar nossa vocação no momento presente. Depois de algum tempo, do fundo de sua consciência, ela me respondeu com clareza e convicção: "Ser pobres!".

Deixei-a com a certeza de que esta resposta era e é como uma palavra profética que eu tinha que ter como tesouro para mim mesmo, para a Ordem e para a Igreja. De fato, desde então percebo cada vez mais que, no seguimento de Cristo que nos é pedido, ser pobres é uma questão de vida ou morte. Uma pobreza que não é apenas material, mas antes de tudo uma posição do coração, uma pobreza de espírito, sim: um "ser": "Ser pobres!". Irmã Teresa vive hoje uma pobreza extrema: depende totalmente dos cuidados das suas Irmãs e das pessoas que a assistem. Não pode quase mais falar e, aparentemente, também lhe foi tirada a serenidade, a paz, como alguém que vive uma "noite escura". Mas não lhe foi tirado o amor, e a sua pobreza torna isso ainda mais evidente.

Algumas semanas antes, eu havia encontrado no Vietnã, em seu mosteiro de Thien Phuoc, exatamente na véspera de sua morte, outra pessoa profética que tive a graça de conhecer e frequentar nestes anos de meu ministério: o Pe. Maxime, quase centenário. Também ele sempre me recordava a pobreza alegre e cheia de amor. Uma vez ele me disse rindo: "Jesus veio em uma manjedoura, mas hoje às vezes em vez de sermos manjedouras para Jesus somos como palácios de Pilatos!"

Quando Jesus chamou o jovem rico, ele destacou claramente que a posse do tesouro no céu está indissolivelmente ligada à pobreza, uma pobreza que doa, uma pobreza na qual se pede o desapego aos próprios bens para "ser pobres", por um esplendor da pessoa que o faz coincidir com o dom, o amor e a preferência a Cristo. "Uma só coisa te falta; vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me" (Mc 10, 21).

Talvez não notamos o suficiente que, quando o jovem recusa este chamado, não só trai o amor de Cristo: falta-lhe também amor ao próximo, amor aos pobres. Jesus no fundo, amando-o, pedia-lhe de deixar-se amar ao ponto de amar os outros como Jesus o amava, como Jesus amava todos os pobres. Também ele era, aos olhos de Jesus, um pobre a quem faltava a riqueza essencial à vida do homem: o tesouro no céu, um tesouro incorruptível, a vida eterna.